



A identidade jornalística da agência Pública na discussão sobre o jornalismo contemporâneo¹

The journalistic identity of Public Agency in the discussion of contemporary journalism.

Cláudio Coração^[a]

Lilian Juliana Martins^[b]

^[a] Doutor, Universidade Federal de Ouro Preto – Ufop, e-mail: claudiocoracao@ig.com.br

^[b] Mestra, Universidade Estadual de São Paulo – Unesp, e-mail: lilian.juliana@gmail.com

1 Texto apresentado no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR, entre os dias 02 e 05 de setembro de 2014.

Resumo

A agência Pública é colocada sob investigação teórica quanto à sua identidade. O agendamento de pautas sociais de interesse público da agência é compartilhado com a discussão sobre o fazer jornalístico. Pública, como o próprio nome sugere, demarca sua intenção de pautar o debate sobre questões de interesse público. Viabilizada pelo investimento de fundações, o modelo de jornalismo de Pública também propõe a produção de reportagens por meio do financiamento coletivo. A agência utiliza, assim, a plataforma digital como espaço de acirramento de pautas, angulações e criação de possibilidades de interação e participação democrática. Ao analisar a reportagem "Os boias-frias de futebol" e outras produções de Pública, pretendeu-se observar, sob os aspectos discursivos e funcionais, em que medida a proposta da agência de reportagens dialoga com questões fundamentais para a tentativa de entendimento do jornalismo contemporâneo. O aspecto conclusivo deste trabalho apresenta o jornalismo, ancorado na reportagem, como um ator fundamental nos embates públicos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Jornalismo. Identidade. Pública. Contemporaneidade.

Abstract

The Public Agency is placed under theoretical investigation about its identity. The scheduling of social agendas of public interest is shared with the Public discussion about the way of to do journalism. Public, as the name suggests, marks its intention to abide debate on issues of public interest. Made possible by the investment foundations, public journalism model also proposes the production of reports through crowdfunding . The agency uses thus the digital platform as guidelines intensification of space, angles and creating possibilities of interaction and democratic participation. Analyzing the report "Os boias-frias do futebol" and other Public's productions, we had the intention to observe, under the discursive and functional aspects, how the proposed reporting agency dialogues with the keys issues for the attempt of understanding the contemporary journalism. The conclusion of this work shows the journalism, attached in the report, as a fundamental actor in the public discussions of contemporaneity.

Keywords: Journalism. Identity. Pública. Contemporaneity.

Introdução

Um dos trunfos da atividade jornalística é a forma com que ela lida com seu discurso. É interessante notar como Pública – Agência de reportagem e jornalismo investigativo (www.apublica.org), dirigida pelas jornalistas Natália Viana e Marina Amaral, desenvolve a representação do mundo em torno de seu discurso sobre o fazer jornalístico, em meio ao agendamento de *pautas sociais agudas*. A transformação da realidade pelo prisma da reportagem é o mote primeiro da agência. O próprio nome sugere uma identidade, evidentemente: sua importância pública em meio a um turbilhão de interesses da sociedade civil.

Segundo definição da própria agência Pública, sua missão é a produção de reportagens "pautadas pelo interesse público sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população – visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos".

Sob a licença de *Creative Commons*, a agência incentiva a livre circulação de suas reportagens. Na seção "Republique" do *site*, Pública coloca em evidência seu ideal em ser relevante para o debate democrático. Desde que com os devidos créditos, todas as reportagens podem ser replicadas por mídias interessadas. Na lista de "Replicadores" destacada pela agência estão mais de 50 *sites* e *blogs* de notícias — do Blog do Sakamoto ao UOL Esportes — que, costumeiramente, levam adiante as reportagens de Pública.

As variadas impressões sobre a noção de interesse público colocam o jornalismo praticado em Pública em uma desenvoltura dialética a respeito da transmissão do conhecimento. Com isso, a informação se adequaria ao princípio da reportagem, já que é pela investigação social do contato com "personagens sociais" que se desenharia uma proposta jornalística engajada, comprometida e tecnicamente justificada.

No seu projeto de jornalismo, Pública propõe: "Todas as nossas reportagens são feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos. Nossos principais eixos investigativos são: os preparativos para a Copa do Mundo de 2014; megainvestimentos na Amazônia; e a ditadura militar".

Esses princípios de cunho editorial movem a questão identitária de Pública. É pertinente dizer que tal premissa se entrosa no debate sobre a contemporaneidade, com seus pontos de fragmentação e de orientações diversas. Portanto, o jornalismo preconizado em Pública se distancia da já antiga percepção de um jornalismo higienizado pelo *slogan* "formador de opinião pública". Pelo que pretende, Pública não parece querer formar a opinião pública, mas fazer parte do debate da esfera pública.

Assim, a “cobertura” da Copa do Mundo de 2014 no Brasil dirige-se com mais intensidade a outra percepção social: a evidenciação do lado obscuro de certo agendamento. Com uma espécie de manifesto anticonvencional de angulação, o que se mostra é um jornalismo que prevê, desde a confecção da pauta até a edição, a configuração de um atributo público, embasado, evidentemente, pela robustez de um discurso de resistência. O conhecimento do mundo é posto no esteio do trabalho de apuração, pelas proposições de Pública. E é aí que uma questão se origina: como apreender certa realidade a partir de atores sociais em conflito de interesses?

A resposta a essa questão talvez seja de difícil e complexa orientação. No entanto, encontra-se implicada numa outra acepção: a identidade jornalística de Pública é um mote de aspecto discursivo, como dissemos, mas também sintoma do tratamento da atualidade de mundo: seja na reelaboração histórica sobre o período ditatorial brasileiro, seja nas agruras presentes de um evento esportivo de escala mundial. A Copa do Mundo de 2014 passa a ter, portanto, outras configurações. Na reportagem "Os boias-frias do futebol", assinada por Ciro Barros, publicada em 2 de dezembro de 2013, é estabelecida a relação entre três clubes pequenos de futebol e seus jogadores “marginais” em relação à imponência da Copa do Mundo. Eis um contraste que apresenta um diagnóstico de desconstrução: da cobertura mediática, festiva e idílica em torno do futebol.

Um impasse se desenha, entretanto. A percepção de “problemas” de ordem política e social é demonstrada, aparentemente, como antagônica ao fato bruto mais domesticado, criando uma espécie de desassossego. Isto é, Pública vislumbra o jornalismo na dinâmica de desconstrução de aparências. Para Fernanda Lima Lopes (2013), as identidades jornalísticas são engendradas em seus aspectos gnosiológicos (relacionados à consciência do que se pretende ser), discursivos e funcionais. Há, a partir do entendimento das três categorias de Lopes, um direcionamento de Pública a uma disposição de enfrentamento. Não só no seu sentido semântico, mas equalizando questões fundamentadas na própria edição jornalística: o fotojornalismo estilizado (como ocorre em "Os boias-frias do futebol"), a fragmentação espaço-temporal evidenciada no tom narrativo-descritivo, as implicações e desdobramentos do jornalismo investigativo por meio do compartilhamento do texto nas redes sociais.

Para Lopes, a base discursiva se materializa na autorreferencialidade:

É preciso perceber o jornalismo (...) a partir do contínuo esforço de sua retórica autorreferencial. Se, por um lado, ele aponta para o mundo e, eventualmente, produz e reproduz algum grau de conhecimento (...) sobre a realidade; por outro, ele insistentemente indica a si mesmo (LOPES, 2013, p.42).

Pública se adapta a um propósito autorreferencial quando empreende a pulsão das ruas, os personagens diversos, a reconstrução da memória do país, os costumes sociais com seu fio condutor combativo. Há, nisso, uma tentativa de se aplicar ao jornalismo uma atitude de contato íntimo com a realidade. Em os "Os boias-frias do futebol", a escolha pela descrição do espaço onde está a reportagem não é isenta da estratégia autorreferencial reveladora de uma postura questionadora sobre a edição jornalística da cobertura esportiva tradicional:

Terça-feira de manhã, céu nublado, aquele "chove-não-chove" no ar. A reportagem da Pública está em Mauá, município da Grande São Paulo, para acompanhar um jogo de futebol sem torcida, estrelado pelo Grêmio Esportivo Mauaense, da Segunda Divisão do Campeonato Paulista, abaixo da Série A3 (...). Ali não há fotógrafos, jornalistas, símbolos das federações, placas de publicidade. Ninguém está nas arquibancadas para vibrar pelas jogadas no campo deteriorado, cheio de entulho (AFIUNE; BARROS, 2013).

O fato de a Pública dar espaço a atores deslocados dos quadros de hegemonia (em "Os boias-frias do futebol", o universo miúdo do futebol) explicita essa conduta. Antônio Fausto Neto (2007), em seu artigo "Enunciação, autorreferencialidade e incompletude", sugere que desdobramentos de leituras só são possíveis de acordo com a forma com que o jornalista opera a linguagem, como instância para prática discursiva. Eloísa Klein (2013) dialoga com Antônio Fausto Neto e assinala de que forma a autorreferencialidade contribui para ampliar as leituras possíveis a partir de uma única pauta:

Entendemos que, ao tratar do que "se fez para fazer", os textos midiáticos terminam por fazer outras coisas e exploram a redação contínua com as características contextuais de tempo, sociedade, instituição, com as implicações técnicas e materiais e com as pessoas com as quais interage (KLEIN, 2013, p. 2).

Considerando esse aspecto, percebe-se que, ao descrever o espaço-tempo em que se encontra em "Os boias-frias do futebol", a reportagem de Pública assinala sua postura em se colocar na contramão da pauta costumeira. A autorreferencialidade é usada como um amplificador de sentidos do texto e sugere, nesse caso, a postura identitária de Pública como contestadora do agendamento jornalístico.

Espaço para a interação e a participação democrática

A identidade discursiva categorizada por Lopes é mais do que incômoda em Pública, porque se arrumaria a uma dinâmica pós-moderna de ação social. Lopes localiza esse desarranjo das identidades globais quando dialoga com autores como Bauman e Stuart Hall.

A partir das experiências observadas na agência e do desenho das identidades (LOPES), o jornalismo seria peça fundamental nos processos de mediações sociais. E a mediação tratada em Pública ganha outro significado identitário nesse contexto: a utilização da plataforma digital como espaço de acirramento de pautas, angulações e criação de possibilidades de interação e participação democrática, seja ela vinda de jornalistas, seja ela criada no anseio de uma discussão pública ordenada pelo princípio de arena política virtual. Assim, as disposições de um "jornalismo digital" se ancoram a uma materialização de libelo, tendo a atividade jornalística como instrumento de ação.

Por isso, Pública se torna envolvente ao propor um debate sobre a crise, a instabilidade e a renovação jornalística contemporânea, já que abre espaço à prática da reportagem como lastro de uma configuração idealizada. Ou seja, a reportagem se torna o meio para o debate sobre as dinâmicas do próprio jornalismo e sobre as questões envolvidas no contato com a realidade nacional. Os exemplos em torno do tema "Copa do Mundo" ilustram isso.

Em uma das páginas do *site* dedicada ao assunto, "A Copa é do Povo", a agência conta que, no momento em que se deu o seu envolvimento com a questão, pouco, ou quase nada, era falado sobre um assunto de incontestável interesse público:

Em outubro de 2011, começamos a cobrir uma história que não estava sendo contada: a das comunidades afetadas pelos primeiros passos das obras da Copa do Mundo.

Faltavam ainda 30 meses para o apito inicial, e esses temas não apareciam nos jornais nem na TV que, mesmo nas reportagens que iam além do esporte e da festa, concentravam-se apenas nos prazos e custos das obras (...)

Foi assim que nasceu o Blog Copa Pública, uma experiência de jornalismo cidadão. Enquanto as fontes oficiais se mostravam relutantes em discutir os rumos da Copa, comitês populares se organizavam nas 12 cidades-sede para documentar, analisar e resistir às ameaças que pessoas e comunidades estavam sofrendo em nome da Copa. Era preciso ouvi-los. (PÚBLICA, 2014)

Autorreferenciado como "jornalismo cidadão", o trabalho de Pública em pautar a discussão sobre o destino das famílias removidas para dar lugar às cons-

truções da Copa repercutiu nas plataformas digitais e, seguindo impressões da própria agência, colaborou para a organização e participação popular nos debates sobre o mundial.

O modelo de jornalismo em *Pública*

O caráter denunciativo de Pública é respaldado por um modelo de jornalismo sem fins lucrativos que preconiza a independência na produção de suas pautas. Para que esse modelo se sustente, a Pública tem como financiadores fundações que promovem a democracia e a redução da pobreza. A Fundação Ford, um dos "mecenass" da agência, financia Pública dentro de seu programa de Direito e Acesso à Mídia.

Além das instituições filantrópicas, o modelo de jornalismo adotado por Pública é viabilizado por doações e por projetos de *crowdfunding*. Na seção "Quem somos" do *site*, aparecem os nomes de centenas de pessoas que fizeram seus donativos para possibilitar a produção das reportagens.

As estratégias para sustentabilidade do modelo de Pública parecem apontar para caminhos fecundos de um jornalismo que se pretende independente em tempos de crise. Pedro Burgos, em seu artigo "O que podemos fazer para salvar o jornalismo", apresenta a decadência da grande mídia como consequência da falência de um modelo comercial, mas não do jornalismo.

Não há esperanças no atual modelo de jornalismo. A afirmação é do fundador da Free Press, Robert McChesney, citado por Burgos. As empresas de jornalismo não podem mais contar com as verbas publicitárias de outros tempos. Os anunciantes de outrora agora se diluem nos espaços de conteúdos da internet. Qual seria o caminho então?

A solução para o problema de gerar jornalismo suficiente começa com o reconhecimento de que ele é um bem público. Jornalismo é algo que a sociedade requer, mas que o mercado não consegue gerar em quantidade ou qualidade suficientes. O mercado não é capaz de solucionar o problema, não importa quão fantásticas sejam as tecnologias. (MCCHESNEY, 2014).

Entendido como bem público, o jornalismo em *Pública* combina caminhos de arrecadação possíveis para produzir suas reportagens com a independência necessária.

Ramonet (2013) nos chama a atenção também para certa crise de mediação dos veículos tradicionais jornalísticos em anteposição ao novo papel exercido pelas mídias digitais, associado a uma formação profissional mais “autônoma”:

Também estamos diante de uma ocasião excepcional para a nova geração de jornalistas. Primeiro, porque os jornalistas nunca tiveram uma formação tão boa como a de agora, haja vista que por muito tempo os profissionais se formaram de maneira selvagem, como autodidatas. Hoje, os jornalistas e comunicadores frequentam as universidades. As gerações dos últimos quinze ou vinte anos têm a melhor formação da história do jornalismo. Segundo, as ferramentas tecnológicas permitem que um grupo de jovens jornalistas seja capaz de se organizar com poucos recursos, podendo, assim, criar novos veículos de comunicação, jornais etc. (RAMONET, 2013, p. 90).

Mais do que evidenciar um quadro geral ou um diagnóstico de conflito, Ramonet chama a atenção para o fato de que a atividade jornalística deve estar direcionada aos afetos e à emancipação profissional.

Serrano (2013), em sintonia com os apontamentos de Ramonet, acrescenta outras crises do jornalismo contemporâneo: de mediação, de credibilidade, de objetividade, de autoridade, de informação, de distribuição. Não deixa de ser curiosa a noção que Pública faz, a partir do redesenho dessas crises todas citadas por Serrano, com os poderes instituídos na sociedade e na política brasileira. O jornalismo mais institucionalizado quase sempre foi afeito aos jogos de representação do poder: desde a mítica do quarto poder até as relações diretas de confrontos de fontes, mais as angulações de tratamentos sociais. O complicador dessa questão, no entanto, é mais filosófico. A polarização de um jornalismo “comunicativo” com um jornalismo que apreenda, minimamente, os conflitos sociais torna a dinâmica social contemporânea, em meio a várias crises de representação, instável.

Neveu (2006) estabelece uma distinção bastante curiosa sobre a função jornalística nesse contexto: a presença de um “jornalismo de comunicação”, que domestica o cotidiano, apaziguando as arestas do extraordinário e das complexidades da vida. Esse desenho só é subvertido, segundo Neveu, quando há a averiguação do “fato bruto”, pelo jornalismo, na sua instância mais espontânea.

Novamente, no especial "A Copa é do Povo", na seção "O Brasil vai às ruas", conseguimos perceber a tentativa de Pública de alcançar essa dinâmica social em sua espontaneidade. Na cobertura das manifestações de junho de 2013, Pública utilizou o *Storify*, um *site* que busca publicações relacionadas por assuntos de interesse do usuário nas redes sociais e possibilita a organização de uma narrativa a partir das publicações encontradas. Ao escolher uma das cidades disponíveis no *site* de Pública e clicar em "Acompanhe os protestos", o leitor consegue acessar o

Storify com os *posts* dos participantes das manifestações. A (figura 1) mostra dois *posts* da página de Pública sobre Salvador.



Figura 1 – *Storify* da cobertura das manifestações em Salvador da agência Pública.

Fonte: Agência Pública.

Jornalismo de renovação

O exemplo pode ajudar a elucidar a utilização de alguns recursos de Pública em sua tentativa de inovação. Tanto Serrano quanto Neveu estão falando em renovação, na antítese de um jornalismo fundamentado na visibilidade publicitária e mercadológica. Essa pista é interessante para notarmos o trabalho desenvolvido em Pública. A identidade engendrada em suas propostas é a renovação da pauta social, como podemos perceber no trecho a seguir:

Pública atua para promover o jornalismo investigativo independente, através de programas de mentorias para jovens jornalistas, bolsas de reportagens e incubação de projetos inovadores de jornalismo independente. Para nós, o jornalismo não está em crise – está em renovação. A Pública acredita na reportagem. E no repórter (PÚBLICA, 2014).

O que se nota é uma desconstrução de pilares convencionais da economia informativa. Trata-se de um princípio de renovação, sem dúvida. Mas, mais do que isso, demonstram-se questões que envolvem a legitimação do jornalismo como profissão e como instrumento de (des)organização do acontecimento social. O corporativismo profissional potencializado em Pública dialoga em duas frentes: a) com a perspectiva do acontecimento social abrangente e; b) com a convocação da participação democrática coletiva.

Nessas duas perspectivas, a reportagem (como gênero e como instância técnica de mediação) se materializa na utilização dos vários recursos, nos quais o paradigma da virtualidade e do digital oferecem ferramentas de superação de instabilidades e crises: do jornalismo em si, em sua autorreferencialidade, e da sociedade com seus problemas estruturais. Nesse sentido, a identidade de Pública é construída decisivamente no combate com a representação mediática convencional (ou hegemônica), utilizando-se as possibilidades técnicas das novas relações mediáticas virtualizadas e comunitárias. A dinâmica da mediação em Pública é explicitar o cotidiano com a complexidade do extraordinário, a partir dos confrontos democráticos inerentes.

Uma questão que se levanta a partir disso é: de que forma as narratividades de vidas das pessoas se enquadram nesse construir jornalístico? Uma primeira hipótese plausível, a partir de nosso objeto de análise, é que Pública se denomina porta-voz dos desvalidos. Essa suposição se vincula àquilo que Neveu chama de “andar de baixo” na discussão sobre os dispositivos de mudança de um jornalismo meramente comunicativo. Mas, além disso, o que se constrói é uma poética da reportagem. É como se a agência Pública pudesse mediar, permanentemente,

determinadas pautas pela sua força de caráter social. A seguir, propomos um esquema, a partir da reportagem "Os boias-frias do futebol":

- Pauta: o mundo marginal (pequeno) do futebol;
- Apuração: rivalizar as demandas do Bom Senso F.C. com as precariedades de atores sociais sufocados;
- Angulação: três facetas de três clubes em suas agruras, na evidencição de personagens envolvidos na hipótese do desencanto do futebol;
- Redação: a narratividade sedimentada nos anseios de uma reportagem que privilegia a observação, percepção e olhar do repórter;
- Edição: consolidação de aportes direcionados (*hiperlinks*, diálogos horizontais e verticais) às potencialidades da plataforma digital-virtual.

A partir desse desenho, Pública se condiciona: a) como convocação de luta por meio da reportagem narrativo-investigativa e b) como extensão da pauta pública pelas possibilidades democráticas virtuais. Gomes (2008) salienta que:

Na literatura acerca do impacto da internet sobre a extensão das possibilidades de participação política, dois temas se destacam pela sua reiteração. Primeiro, insiste-se no revigoramento da esfera de discussão pública como efeito direto da entrada em cena de um novo meio ambiente de comunicação política. Segundo, destaca-se a capacidade da internet, em particular, e dos novos meios, em geral, de superar o *deficit* democrático dos tradicionais meios de comunicação de massa (GOMES, 2008, p. 304).

Nessa mesma concepção, Maia (2008) afirma que "os dispositivos das novas tecnologias de comunicação e informação, interativos e multifuncionais, têm sido frequentemente notados como recursos para fortalecer o processo democrático" (MAIA, 2008, p. 277).

Com a vinculação dessas duas impressões, Pública se materializa como um meio de propagação anticonvencional, por um lado, já que se ancora pelo combate; e, de outro, como plataforma-lugar de um jornalismo que traz a reportagem para o protagonismo. Com isso, os princípios relacionados à democracia se articulam, também, à sua consolidação textual alargada. Ao notar as fraturas do país da Copa, Pública subverte a mera cobertura (a Copa do Mundo em si) para mostrar as seguintes sobreposições, em "Os boias-frias do futebol": a) os desvios da ordem prioritária (as críticas do movimento Bom Senso F. C.) e; b) os trabalhadores precarizados do futebol e os pequenos clubes pelo país.

Nesse contexto, institui-se uma convocação discursiva associada a atores marginais, no processo de elaboração da identidade nacional. Quando Lopes (2013) nos apresenta a fluidez do aspecto identitário contemporâneo, o que se nota é justamente uma proposição de luta. Para isso, Pública nos chama a uma luta de sentidos em sua tessitura.

Há um desajuste entre a ideia de um jornalismo que fere o fato social e outro que se ajusta às inconveniências do retrato, da verdade mais “comum”. Com isso, a propositura de um jornalismo cidadão e participativo só ganha significado se trabalhado com os mesmos princípios envolvidos em sua fabricação. Por isso, a reportagem não é um mero dispositivo, como vimos. Ela é a essência da configuração discursiva e política. A esfera pública virtual é endossada com as partituras da denúncia, com o envolvimento de causas e com a narratividade posta a serviço de um jornalismo de aprofundamento, como se percebe na observação, ação e narração de “Os boias-frias do futebol”.

Quando o acontecimento ganha visibilidade

A justificativa do uso da reportagem e de sua proposição estendida, em Pública, associa-se àquilo que Sodré (2009) chama de “narrativa das práticas humanas”. Em outra dire o, estabelece-se a realidade movida pela singularidade da causa social, pelos componentes dos novos dispositivos comunicacionais:

O aprofundamento da informa o no espaço das redes ainda   sensivelmente deficiente, mas não há quaisquer impedimentos técnicos para que um novo tipo de profissional utilize algoritmos computacionais destinados a encadear fontes informativas relevantes, requalificando o material informativo. Nesta dire o caminham as experiências de jornalismo cidadão, jornalismo colaborativo, ou ainda jornalismo participativo, que têm em comum a produ o de conteúdos pelos usuários, variando apenas os modos técnicos de realiza o (SODRÉ, 2009, p. 109).

A causa social   movida pelo acontecimento mediado do cotidiano em outras dire es que não a simples percep o da m dia convencional: numa outra dinâmica comunicacional, participativa e interativa. Por isso,   pertinente dizer que o atributo essencial de Pública   seu aspecto singular de media o, cuja materializa o   a participa o democrática, entendida em duas chaves: a) a discursiva, por meio da fabrica o de um *ethos*; b) narrativa, quando propõe a reportagem como instrumento de averigua o social alargada.

Essa propensão pode ganhar ou perder força, a depender das conveniências e visibilidades. Aidar Parado (2013, p. 11) nos informa que “na atualidade, os discursos embutidos nos dispositivos mediáticos buscam públicos menos ou mais segmentados”, ao sabor das dinâmicas de convocações políticas, humanas e afetuosas.

É interessante notar que quaisquer convocações, na atualidade, são reapropriadas e ressignificadas, intensamente, na esfera pública virtual. Em virtude disso, Pública propõe um contrato de fidelidade com o público leitor e com certa “comunidade jornalística”, embasado nos seguintes aspectos: hipótese combativa, edição da fala desnudadora, justificativa da resistência, insinuação do tom investigatório e fluidez de caráter narrativo-descritivo.

Na reportagem "Os boias-frias do futebol", há o interesse de se esboçar uma justificativa de pauta. As fontes (jogadores de futebol) e os cenários (clubes de futebol) são cuidadosamente construídos na intenção de se configurar uma narrativa do cotidiano complexo, distante das singularidades-clichês do mundo do futebol.

Essa narrativa rotineira, mas também extraordinária, se firma nas seguintes opções narrativo-descritivas, a partir dos cenários (clubes de futebol pequenos) pesquisados:

- Mauaense: “Terça-feira de manhã, céu nublado, aquele “chove-não-chove” no ar. A reportagem da Pública está em Mauá, município da Grande São Paulo, para acompanhar um jogo de futebol sem torcida, estrelado pelo Grêmio Esportivo Mauaense, da Segunda Divisão do Campeonato Paulista, abaixo da Série A3. Com o objetivo de montar uma equipe para o próximo campeonato do primeiro degrau do futebol profissional, os jogadores de Mauá enfrentam um time de jogadores ainda mais frágeis: o dos desempregados, reunidos em uma equipe montada pelo Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (Sapesp) para que eles possam manter a forma enquanto não voltam a jogar profissionalmente”. (Nossa categorização: o futebol miúdo).
- Várzea: “Hoje há campeonatos de várzea bem estruturados, como a Copa Kaiser, o principal campeonato amador da capital paulista, que neste ano contou com 192 equipes em jogos que foram de março a outubro. ‘Na várzea, eu já peguei cinco mil pra assinar e mais 250 reais por jogo. É um dinheiro bom e sempre vem conforme o combinado. No profissional, muitas vezes eles te prometem um contrato e só pagam uma parte. O que vale mais a pena?’, pergunta Jorge, que foi campeão da Copa Kaiser deste ano pelo Leões da Geolândia, da Vila Medeiros, zona norte de São Paulo”. (Nossa categorização: o futebol e a vida cotidiana).

- Ypiranga: “Situações como essa são comuns no Pará. O zagueiro Bruno Oliveira de Andrade, colega de Romeu no Ypiranga, não conseguiu firmar contrato para jogar no primeiro semestre. ‘Temos que dar uma economizada para sobreviver esses meses. Trabalhei em várias coisas: como motorista, até ajudante de pedreiro para ganhar um dinheirinho’. Romeu conta que muitos amigos desistiram do futebol porque precisavam sustentar suas famílias. Mas Bruno não quer seguir esse caminho. ‘Quando você fica três, quatro meses parado, passam várias coisas na cabeça da pessoa. Já pensei várias vezes em parar por causa da esposa, do filho. Continuo porque tenho condições de chegar em um lugar melhor. No futebol, do dia para a noite, podem acontecer coisas melhores, você pode ficar bem. Meu sonho é ser campeão por uma equipe grande do Rio, de São Paulo, até de fora, conseguir sair daqui do estado’”. (Nossa categorização: o futebol e sua mística).
- Maruinense: “ ‘Meu sonho é colocar o Maruinense na série B do Campeonato Brasileiro, em um nível mais alto’, conta o dirigente do time que hoje disputa a Segunda Divisão do campeonato sergipano. Mas, para o zagueiro Felipe Severo Santana, de 25 anos, que já jogou no São Caetano e no Atlético Paranaense, o clube precisa melhorar sua estrutura para fazer frente aos times de elite. ‘Nesses times tinha mais profissionais, alimentação de qualidade, já aqui é meio carente. Aqui tem que ser guerreiro’, opina o jogador, que já trabalhou até em uma loja de sapatos enquanto ficou parado no futebol. ‘Já pensei em desistir muitas vezes. Futebol é injusto demais’, afirma’”. (Nossa categorização: o futebol como cenário).

Além do tom narrativo, o acontecimento social ratifica as fragilidades e precariedades dos trabalhadores “anônimos” do futebol em contraste com o poder econômico da FIFA e sua Copa do Mundo. A angulação prevê a fundamentação ética de um jornalismo que, sem exagero, se insere nos dilemas quase existenciais da sua própria atividade. Jornalistas e jogadores são boias-frias, a rigor, nas entrelinhas. A fluidez da reportagem como norte idealizado dá o tom de resistência, na orientação deontológica.

Martins (2008), ao se apropriar do pensamento de Baudrillard, afirma que as interatividades digitais, muitas vezes, se arremedam em instrumentos falsos de representação (da realidade, de determinado objeto), ocasionado simulacros. Mas Pública se entrosa a essa lógica por se permitir engendradora daquilo que estamos chamando de narrativa do cotidiano extraordinário e complexo. Tudo pode ser representação, evidentemente. No entanto, além da simples afeição ao simulacro,

a lógica de um jornalismo investigativo, preocupado e participante, ganha lastro ao se constituir nos códigos de interação sujeitados na esfera pública virtual.

Pode-se estender o conceito de participação política ao de pertencimento de ordem política e cultural para além da simples ideia de simulacro. Para Eduardo Duarte (2012), o pertencimento cultural está associado às construções simbólicas do acontecimento social. Nesse contexto, Pública se fundamenta como proposição ética para a atividade jornalística, pela articulação temporal e experiencial. O que se nota em “Os boias-frias do futebol”, por exemplo, é a aferição da realidade pelos compromissos engendrados: a reportagem como esteio, a evidenciação de atores sociais marginais, a perspectiva dialética do narrador-repórter e a investigação social calcada no interesse público de caráter democratizante e combativo. Nesse sentido, a título de síntese, a problematização pública se fecha nos seguintes nortes: a) o valor informação e o volume de dados da checagem e apuração; b) a investigação como questão editorial; c) a pergunta “pública” e a angulação racionalizante; d) as perspectivas de debate na dinâmica de compartilhamento nas redes sociais e; e) a evidência de um jornalismo-cidadão.

É imprescindível afirmar que, na contemporaneidade, o jornalismo se lança como um ator social fundamental nos embates públicos. Pública, com isso, convoca a participação de visibilidade digital e virtual, a referendar uma democracia diluída em um jornalismo quase sacrossanto, em que a reportagem é o seu calcanhar de Aquiles. A validez, ou não, da luta de Pública pode ser entendida, ou estendida, quando verificada nos lances que aqui elencamos, isto é, na solidez de uma identidade questionada na autorreferencialidade. É a partir dessa sustentação que Pública se desenvolve como questionadora do viés oficialesco e como propagadora de uma arena pública ancorada na reportagem. Trata-se de um discurso que pressupõe a renovação. É nesta ânsia que Pública deve ser orientada, criticada, questionada e aplaudida.

Referências

AFIUNE, G.; BARROS, C. Os boias-frias do futebol. **Pública** [on-line]. São Paulo, dez. 2013. Disponível em: <<http://apublica.org/2013/12/os-boias-frias-futebol/>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

AIDAR PRADO, J. L. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ; Fapesp, 2013.

DUARTE, E. A experiência estética pública na construção do cotidiano e seus acontecimentos. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. de. **Acontecimentos: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FAUSTO NETO, A. Enunciação, autorreferencialidade e incompletude. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n° 34, quadrimestral, p. 78-85, dez. 2007.

GOMES, W. Internet e participação política. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

KLEIN, E. J. da C. Autorreferencialidade e jornalismo: reflexões teórico-analíticas sobre a processualidade além do discurso intencional da mídia. In: XXII Compós, 2013, Salvador. **Anais...**, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013, p. 01-12. Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca_2102.pdf>.

LOPES, F. L. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2014.

MAIA, R. C. M. Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximação às condições de deliberação. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINS, F. M. **Impressões digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

RAMONET, I. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, D. de; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo; Rio de Janeiro: Boitempo; Faperj, 2013.

SERRANO, P. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, D. de; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo; Rio de Janeiro: Boitempo; Faperj, 2013.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebido: 18/08/15

Received: 18/08/15

Aprovado: 24/08/15

Approved: 24/08/15